



Parte I

TORNANDO-SE PERFEITA

Não é uma coisa boa encher a
sociedade de pessoas bonitas?

— Yang Yuan, em declaração
ao *New York Times*







NOVA PERFEIÇÃO

O céu de início de verão tinha cor de vômito de gato.

Obviamente, Tally pensava, quando a dieta do seu gato se resume por um bom tempo a ração sabor salmão. Movendo-se rapidamente, as nuvens até lembravam peixes, desfeitas em escamas pelos ventos das altitudes elevadas. À medida que a claridade se ia, lacunas azuis da cor do mar apareciam, como um oceano de cabeça para baixo, frio e infinito.

Num verão qualquer, um pôr do sol como esse teria sido lindo. Mas nada era lindo desde que Peris havia se tornado perfeito. Perder seu melhor amigo é uma droga, mesmo que apenas por três meses e dois dias.

Tally Youngblood esperava pela noite.

Ela podia ver Nova Perfeição da janela. Os prédios onde as festas aconteciam já estavam todos iluminados. Linhas sinuosas destacadas por tochas indicavam os caminhos por entre os jardins. Balões de ar quente puxavam suas cestas em direção ao céu rosado levando passageiros que atiravam rojões de artifício contra outros balões e paraquedistas que passavam. O som de risos e música vinha como uma pedrinha sobre a água, arremessada com a força certa, as pontas ferindo os nervos de Tally.



Nos limites da cidade, isolada pela forma oval do rio, tudo estava escuro. Àquela hora, todos os feios estavam dormindo.

Tally tirou seu anel de interface e disse:

— Boa noite.

— Bons sonhos, Tally — respondeu a sala.

Ela mastigou uma pílula de escovar os dentes, afofou os travesseiros e enfiou um antigo aquecedor portátil — um que gerava tanto calor quanto um ser humano do tamanho de Tally — embaixo dos lençóis.

E então saiu de fininho pela janela.

Do lado de fora, com a noite finalmente tomando o céu por completo, Tally se sentiu bem. Talvez fosse um plano idiota, mas qualquer coisa era melhor do que outra noite acordada na cama, afogada em lamentações. No familiar caminho coberto de folhas que levava à beira d'água, era fácil imaginar Peris andando nas pontas dos pés atrás dela, segurando o riso, pronto para uma noite espionando os perfeitos. Juntos. Ela e Peris haviam aprendido a enganar o inspetor aos 12 anos, uma época em que parecia que os três meses de diferença entre suas idades nunca teriam importância.

— Amigos para sempre — murmurou Tally, tocando a pequena cicatriz na palma de sua mão direita.

A água reluziu por entre as árvores. Ela podia ouvir as pequenas ondas produzidas por uma embarcação no rio se chocando contra a margem. Agachou-se atrás dos juncos. O verão era a melhor época para as expedições de espionagem. A grama estava alta, nunca fazia frio e não era preciso encarar um dia inteiro de aula no dia seguinte.

Obviamente, agora Peris podia dormir o quanto quisesse. Era apenas uma das vantagens de ser perfeito.



A antiga ponte se estendia, grandiosa por sobre a água. Sua imensa estrutura de metal estava escura como o próprio céu. Tinha sido construída há tanto tempo que suportava seu próprio peso, sem ajuda de qualquer estrutura suspensa. Em um milhão de anos, quando o resto da cidade estivesse em escombros, a ponte provavelmente continuaria de pé, como um osso fossilizado.

Ao contrário das outras pontes que levavam à Nova Perfeição, a antiga não falava — e, mais importante, não denunciava invasores. No entanto, mesmo em seu silêncio absoluto, sempre parecera sábia aos olhos de Tally; serenamente astuta, como uma árvore ancestral.

Agora seus olhos estavam totalmente acostumados ao escuro. Precisou de poucos segundos para achar a linha de pesca amarrada à pedra de sempre. Ela deu um puxão e ouviu o barulho da corda se revirando onde ficava escondida, entre as colunas da ponte. Continuou puxando até que a linha invisível se transformou numa corda úmida cheia de nós. A outra ponta permanecia atada à estrutura metálica da ponte. Tally esticou bem a corda e a amarrou à árvore de costume.

Ela teve de se agachar por entre a grama novamente quando outra embarcação passou no rio. As pessoas que dançavam no convés não notaram a corda que ia da ponte à margem. Nunca notavam. Os novos perfeitos estavam sempre ocupados demais em se divertir para perceberem pequenas coisas fora do lugar.

Depois que as luzes do barco sumiram na escuridão, Tally testou a firmeza da corda, usando o peso do seu corpo. Uma vez, ela havia se soltado da árvore, fazendo com que Tally e Peris pendessem para baixo e depois fossem arremessados



para o meio do rio, caindo na água gelada. Tally sorriu com a lembrança. Preferiria estar na expedição — encharcada, no frio, ao lado de Peris — a estar seca e aquecida naquela noite, mas sozinha.

Pendurada por baixo da corda, com as mãos e os pés agarrados aos nós, Tally foi se arrastando até a estrutura sombria da ponte. Então subiu no esqueleto metálico e completou a travessia até Nova Perfeição.

Ela sabia onde Peris morava graças à única mensagem que ele tinha se dado ao trabalho de enviar desde que se tornara perfeito. Não era exatamente um endereço, mas Tally conhecia o truque para decodificar os números aparentemente aleatórios no fim do texto. Os dados a levaram a um lugar chamado Mansão Garbo, na parte alta da cidade.

Chegar lá seria complicado. Em suas aventuras, Tally e Peris sempre se mantinham perto do rio, onde a vegetação e a escuridão de Vila Feia deixavam mais fácil a tarefa de se esconder. Desta vez, Tally estava a caminho da área central da ilha, onde carros enfeitados e festeiros enchiam as ruas iluminadas a noite toda. Novos perfeitos, como Peris, gostavam de viver onde a diversão era mais intensa.

Embora tivesse decorado o mapa, se entrasse numa rua errada, Tally estaria perdida. Sem seu anel de interface, era invisível aos veículos. Seria atropelada como se nem existisse.

De certa forma, Tally *não existia* por lá.

Pior do que isso: ela era feia. Mas tinha esperança de que Peris não visse as coisas daquele jeito. Ou, pelo menos, não *a* visse daquele jeito.



Tally não tinha ideia do que aconteceria se fosse pega. Não era como ser flagrada sem o anel, matando aula ou convencendo a casa a tocar sua música num volume mais alto do que o permitido. Todo mundo fazia aquele tipo de coisa — e todo mundo acabava se dando mal. Mas ela e Peris tomavam muito cuidado para não serem pegos nas expedições. Atravessar o rio era assunto sério.

Àquela altura, porém, era muito tarde para se preocupar. O que poderiam fazer com ela, afinal? Em três meses também se tornaria uma perfeita.

Tally avançou lentamente, acompanhando o rio, até alcançar um jardim. Penetrou a escuridão se enfiando embaixo de uma fileira de salgueiros-chorões. Sob sua proteção, foi percorrendo um caminho iluminado por pequenas candeias.

Havia um casal de perfeitos passeando pelo mesmo caminho. Tally ficou imóvel, mas os dois estavam distraídos, ocupados demais trocando olhares para notá-la agachada no escuro. Num silêncio absoluto, ela os viu passar e sentiu algo que costumava sentir ao observar um rosto perfeito. Mesmo quando ela e Peris os espiavam das sombras, rindo das idiotices que os perfeitos diziam e faziam, não conseguiam deixar de reparar. Havia algo mágico naqueles olhos grandes e perfeitos, algo que praticamente obrigava as pessoas a prestar atenção ao que diziam, a protegê-los dos perigos, a fazê-los felizes. Eles eram tão... perfeitos.

Depois que os dois sumiram na curva seguinte, Tally sacudiu a cabeça, tentando tirar aquelas imagens piegas da cabeça. Não estava ali para espiar. Era uma infiltrada, uma penetra, uma feia. E tinha uma missão a cumprir.



O jardim se estendia pela cidade, serpenteando como um rio negro por entre casas e torres brilhantes que abrigavam festas. Após se esgueirar por mais alguns minutos, ela surpreendeu um casal escondido no meio das árvores (afinal, estavam no Passeio Público). No escuro, porém, eles não conseguiam ver seu rosto. Puderam apenas reclamar enquanto ela murmurava um pedido de desculpas e se afastava. Tally também não tinha conseguido ver muita coisa; apenas um emaranhado de pernas e braços perfeitos.

Finalmente, a poucos quarteirões de onde Peris morava, o jardim chegou ao fim.

Tally deu uma olhada de trás de uma cortina de trepadeiras. Estava num ponto a que ela e Peris nunca tinham chegado juntos. Também era o ponto final do seu planejamento. Naquelas ruas movimentadas e bem-iluminadas, não havia como se esconder. Ela levou os dedos ao próprio rosto e sentiu o nariz largo, os lábios finos, a testa grande demais e o volume dos cabelos crespos. Bastaria botar um pé fora do mato para ser notada imediatamente. Seu rosto parecia queimar sob a luz. O que estava fazendo ali? Devia ter ficado nas sombras de Vila Feia, à espera da sua vez.

Mas ela precisava se encontrar com Peris, falar com ele. Não sabia exatamente a razão, além de já estar cansada de imaginar milhares de conversas, todas as noites, antes de dormir. Tinham passado todos os dias juntos, desde a infância, e agora... nada. Talvez, se pudessem conversar por alguns minutos, seu cérebro parasse de falar com o Peris imaginário. Três minutos poderiam permitir que suportasse outros três meses.

Tally percorreu a rua com os olhos, à procura de jardins para invadir e entradas escuras que lhe servissem de abrigo.





Sentiu-se como uma alpinista diante de um paredão imponente, buscando fendas e apoios para as mãos.

O movimento de carros diminuiu um pouco, e ela decidiu esperar, distraíndo-se com a cicatriz em sua mão direita. Um pouco depois, soltou um suspiro e sussurrou: “Amigos para sempre.” E deu um passo em direção à luz.

A explosão de sons que veio do seu lado direito a fez pular de volta para a escuridão, tropeçando por entre as trepadeiras e desabando de joelhos na terra macia, por alguns instantes certa de que havia sido descoberta.

A barulheira, contudo, logo se organizou num ritmo pulsante. Era uma bateria eletrônica que se arrastava pela rua. Do comprimento de uma casa, reluzia com os movimentos de suas dezenas de braços mecânicos, que golpeavam tambores de todos os tamanhos. Atrás, vinha uma multidão crescente de festeiros, dançando no ritmo, bebendo e arremessando as garrafas vazias contra a imensa e impenetrável máquina.

Tally sorriu. Os festeiros usavam máscaras.

A máquina lançava máscaras pela parte de trás na tentativa de atrair mais pessoas para a parada improvisada: diabos, palhaços horripilantes, monstros verdes, alienígenas cinzas com grandes olhos ovais. Gatos, cachorros, vacas. Rostos com sorrisos tortos e narizes gigantes.

Com a procissão avançando devagar, Tally se enfiou no mato novamente. Algumas pessoas passavam tão perto que a doçura inebriante das garrafas dominava seu olfato. Um minuto depois, quando a máquina já estava meio quarteirão adiante, Tally saiu do esconderijo e pegou uma máscara abandonada do chão. O plástico, recém-modelado no interior da máquina, ainda tinha uma textura macia.





Antes de pôr a máscara no rosto, Tally percebeu que era da mesma cor rosada de vômito de gato que lembrava o pôr do sol. Havia um longo focinho e duas orelhinhas rosas. Podia sentir a gosma aderindo à sua pele e se ajustando ao seu rosto.

Tally abriu caminho por entre os festeiros bêbados para sair do outro lado da procissão, e pegou uma rua transversal que levava à Mansão Garbo. Usava uma máscara de porco.





AMIGOS PARA SEMPRE

A Mansão Garbo era grande, luminosa e barulhenta.

Ocupava uma área entre duas torres de festas — um bule gordo separando duas elegantes taças de champanhe. Cada torre era sustentada por uma única coluna que não chegava ao tamanho de um elevador. Acima, transformava-se em cinco andares de varandas circulares, tomadas por novos perfeitos. Tally subiu o morro, na direção dos três prédios, tentando curtir a vista pelos olhos de sua máscara.

Alguém se jogou, ou foi jogado, de uma das torres, gritando e agitando os braços. Tally engoliu em seco, mas conseguiu acompanhar toda a queda, até o momento em que o cara foi detido pelas fitas de náilon, segundos antes de se espatifar no chão. Ele se balançou suspenso por um tempo, rindo, preso aos equipamentos de segurança, e então pousou suavemente. Tally estava perto o suficiente para ouvir os soluços que entrecortavam suas risadas. Ele estivera tão apavorado quanto ela.

Embora pular lá de cima não fosse mais perigoso do que ficar parada ali, embaixo das torres enormes, ela sentiu um frio na espinha. A jaqueta de bungee jump usava o mesmo mecanismo de suspensão da estrutura que mantinha as construções de pé. Se aqueles brinquedinhos por alguma razão parassem de funcionar, quase tudo em Nova Perfeição desabaria.



A mansão estava cheia de novos perfeitos em folha. O pior tipo, como Peris costumava dizer. Viviam como feios, cerca de cem dividiam um grande dormitório. Mas não havia regras no dormitório. A não ser que Comporte-se como um Idiota, Divirta-se e Faça Barulho fossem regras.

No terraço, um grupo de garotas em trajes de noite gritava loucamente, caminhava na beirada e lançava rojões de emergência nas pessoas lá embaixo. Uma bola de fogo laranja passou ao lado de Tally, como um vento de outono, desfazendo a escuridão ao seu redor.

— Ei, tem um porco ali! — gritou alguém, de cima.

Enquanto todos riam, Tally apressou o passo para chegar à porta escancarada da mansão. Ela ignorou as caras de surpresa de duas perfeitas que saíam e entrou.

Era tudo uma grande festa, como sempre haviam prometido. As pessoas estavam arrumadas, usando vestidos de gala e fraques de abas longas. E todos pareciam achar graça de sua máscara de porco. Apontavam e riam. Tally seguia em frente para que não tivessem tempo de fazer mais nada. Ali, obviamente, o riso era permanente. Não era como nas festas dos feios: não havia brigas ou mesmo discussões.

Ela foi entrando de quarto em quarto, tentando distinguir os rostos sem se deixar distrair pelos grandes olhos negros ou se abater pela sensação de que não pertencia ao lugar. Sentia-se mais feia a cada segundo que passava ali. Ser motivo de piada para todo mundo que encontrava não ajudava muito. Mas ainda era melhor do que o que fariam se vissem seu verdadeiro rosto.

Tally se perguntou até se seria capaz de reconhecer Peris. Só o havia visto uma vez desde a cirurgia, e foi na saída do hospital, antes do inchaço passar. Por outro lado, conhecia



seu rosto muito bem. Apesar de que Peris costumava dizer que, os perfeitos não tinham *exatamente* a mesma cara. Nas expedições, Peris e ela às vezes viam perfeitos que pareciam familiares, que lembravam feios conhecidos. Como irmãos ou irmãs — muito mais velhos, confiantes e infinitamente mais bonitos. Irmãos que provocariam inveja pelo resto da vida, se você tivesse nascido um século atrás.

Peris poderia ter mudado daquele jeito.

— Você viu a porquinha?

— O quê?

— Tem uma porquinha solta por aí!

As risadinhas vinham do andar de baixo. Tally parou para escutar. Estava sozinha na escada. Aparentemente, os perfeitos preferiam o elevador.

— Como ela tem coragem de vir à nossa festa vestida de porquinha? A regra é traje de gala!

— Entrou na festa errada.

— Que falta de educação se vestir desse jeito!

Tally respirou fundo. A máscara não era muito melhor do que seu próprio rosto. A piada estava perdendo a graça.

Ela disparou pela escada, deixando as vozes para trás. Talvez se esquecessem dela, se não ficasse parada. Faltavam dois andares da Mansão Garbo. E, depois, o terraço. Peris tinha de estar em algum lugar.

A não ser que estivesse no gramado dos fundos, ou voando num balão, ou numa das torres. Ou no Passeio Público, em qualquer parte, com outra pessoa. Tally tirou a última imagem da cabeça e atravessou o corredor, ignorando as piadas repetidas sobre a máscara, espiando os quartos, um a um.



Não encontrou nada além de olhares surpresos e dedos apontados em sua direção. E rostos perfeitos. Mas nenhum chamou sua atenção. Peris não estava ali.

— Aqui, porquinha, aqui, porquinha! Ei, ali está ela!

Tally correu para o último andar, subindo de dois em dois degraus. A respiração acelerada esquentava seu rosto por trás da máscara. A testa suava, e o adesivo escorria de sua pele, lutando para permanecer grudado. Estava sendo seguida por um grupo deles, rindo e tropeçando uns sobre os outros.

Não havia tempo para vasculhar o andar. Tally apenas percorreu o corredor com os olhos. Não havia ninguém ali mesmo. Todas as portas estavam fechadas. Talvez alguns perfeitos estivessem descansando sua beleza.

Se fosse ao terraço à procura de Peris, ficaria encurralada.

— Ei, porquinha, porquinha!

Hora de fugir. Tally correu até o elevador e só parou dentro da cabine.

— Térreo! — gritou.

Ela aguardou, observando o corredor nervosamente, ofegando sob o plástico quente da máscara.

— Térreo! — repetiu. — Fechar portas!

Nada aconteceu.

Um suspiro antes de fechar os olhos. Sem um anel de interface, ela não era ninguém. O elevador não a ouviria.

Tally sabia enganar elevadores, mas precisaria de tempo e de um canivete. E, naquele momento, não tinha nem um nem outro. O primeiro perseguidor apareceu na escada e logo estava no corredor.

Ela deu um passo para trás e encostou na lateral do elevador. Nas pontas dos pés e tentando se espremer o máximo possível, torceu para que não a vissem. Outras pessoas che-



garam, resfolegando como típicos perfeitos fora de forma. Tally observava-os pelo espelho no fundo do elevador.

O que significava que também veriam *ela* se olhassem naquela direção.

— Para onde a porquinha foi?

— Venha aqui, porquinha!

— Talvez no terraço.

Um garoto entrou devagar no elevador, olhando para o grupo lá atrás, sem entender a situação. Quando ele a viu, tomou um susto.

— Caramba! Quase me matou de susto!

Ele piscou os olhos, reparou no rosto mascarado e depois virou-se para o fraque que vestia.

— Ah, não. Esta festa não exigia traje de gala?

Tally ficou sem ar. Sua boca estava seca.

— Peris? — perguntou, baixinho.

Ele a olhou com curiosidade.

— Eu conheço...

Ela começou a esticar a mão em sua direção, mas se lembrou de que tinha de ficar escondida perto da lateral. Seus músculos já não aguentavam mais mantê-la nas pontas dos pés.

— Peris, sou eu.

— Aqui, porquinha, porquinha!

Peris virou-se para a voz no meio do corredor, fez uma cara de dúvida e voltou-se para ela de novo.

— Feche a porta. Espere — disse ele, rapidamente.

Assim que a porta se fechou, ela caiu para a frente. Tirou a máscara para vê-lo melhor. Era Peris: a voz, os olhos castanhos, a testa franzida indicando que estava confuso.

Mas agora parecia tão *perfeito*.



Na escola, tinham ensinado como aquilo afetava as pessoas. Não importava se você sabia alguma coisa sobre evolução — ainda assim funcionava. Em todo o mundo.

Havia um tipo de beleza, um encanto que todos viam. Olhos grandes e lábios grossos, como crianças; pele sedosa e brilhante; traços simétricos; e milhares de outras pistas. Em algum lugar no fundo de suas mentes, as pessoas buscavam esses sinais permanentemente. Ninguém podia evitar notá-los, qualquer que fosse sua criação. Um milhão de anos de evolução haviam tornado aquilo parte do cérebro humano.

Os grandes olhos e lábios diziam: sou jovem e vulnerável, não posso machucá-lo e você quer me proteger. O resto dizia: sou saudável, não vou deixá-lo doente. E, não importava como se sentia em relação a um perfeito, uma parte de você sempre pensava: *Se tivermos filhos juntos, eles também serão saudáveis. Eu quero essa pessoa perfeita...*

Pura biologia, como explicavam na escola. A exemplo das batidas do coração, aquelas coisas não podiam ser desmentidas, não quando se estava diante de um rosto daqueles. Um rosto perfeito.

Um rosto como o de Peris.

— Sou eu — disse Tally.

Peris deu um passo para trás. Com uma expressão intrigada, observou as roupas de Tally.

Ela se deu conta de que usava o uniforme preto de expedição. E todo sujo das subidas por cordas, passagens por jardins e quedas por entre trepadeiras. Já o traje de Peris era de veludo preto, complementado por camisa, colete e gravata de um branco brilhante.

Tally se afastou.

— Ai, desculpa, não quero que fique sujo.



— O que está *fazendo* aqui, Tally?

— Eu só... — gaguejou ela. Agora que estava cara a cara com ele, não sabia o que dizer. As conversas imaginadas desapareceram dentro daqueles olhos enormes e doces. — Eu precisava saber se ainda éramos...

Tally estendeu a mão direita, a palma marcada pela cicatriz virada para cima. A sujeira e o suor destacavam suas linhas.

Peris suspirou. Não olhava para sua mão. Nem para seus olhos. Não para aqueles olhos castanhos sem-graça, apertados e vesgos. Olhos de ninguém.

— Claro — disse ele. — Mas... quero dizer... você não podia ter esperado, Vesguinha?

O apelido feio soou estranho saindo da boca de um perfeito. Seria ainda mais esquisito chamá-lo de Nariz, como costumava fazer dezenas de vezes por dia. Ela engoliu em seco.

— Por que não escreveu para mim?

— Eu tentei. Mas pareceu falso. Sou tão diferente agora...

— Mas nós somos... — murmurou ela, apontando para a cicatriz.

— Olha só, Tally — disse Peris, também estendendo a mão.

A pele era sedosa e imaculada. Aquela mão dizia: *Não preciso pegar no pesado e sou esperto demais para me envolver em acidentes.*

A cicatriz que haviam feito juntos tinha sumido.

— Eles a retiraram.

— É claro, Vesguinha. Toda minha pele é nova.

Tally piscou. Não tinha pensado naquilo.

Peris balançou a cabeça:

— Você ainda é tão criança.



— Elevador solicitado — disse o elevador. — Subir ou descer?

A voz da máquina deu um susto em Tally.

— Espere um pouco, por favor — pediu Peris, tranquilo. Depois de respirar fundo, Tally fechou a mão.

— Só que eles não trocaram seu sangue. Nós compartilhamos aquilo, não importa o que tenha acontecido.

Finalmente, Peris olhou-a nos olhos, sem hesitar, como Tally temia. Na verdade, exibiu um sorriso lindo.

— Não, não trocaram. Grande coisa a pele nova. Em três meses vamos poder rir disso tudo. A não ser...

— A não ser o quê? — perguntou ela, mergulhando em seus grandes olhos castanhos, cheios de preocupação.

— Apenas me prometa que não vai fazer mais nada idiota — disse Peris. — Vir aqui, por exemplo. Coisas que vão criar problemas para você. Quero vê-la perfeita.

— Claro.

— Então prometa.

Embora Peris fosse só três meses mais velho do que Tally, ela baixou os olhos, sentindo-se uma criança de novo.

— Certo, eu prometo. Nada idiota. E eles também não vão me pegar hoje.

— Ótimo, pegue sua máscara e...

A voz de Peris sumiu. Tally acompanhou seu olhar e percebeu o que tinha acontecido. Descartada, a máscara de plástico estava se reciclando, transformando-se em pó rosa, e o carpete do elevador já começava o processo de limpeza.

Os dois se entreolharam em silêncio.

— Elevador solicitado — insistiu a máquina. — Subir ou descer?



— Peris, juro que eles não vão me pegar. Nenhum perfeito corre tão rápido quanto eu. É só você me levar lá para baixo...

Peris discordou.

— Subir. Terraço.

O elevador entrou em movimento.

— Terraço? Peris, como eu vou...

— Logo depois da porta, numa grande prateleira... jaquetas de bungee jump. Há um monte para o caso de incêndio.

— Está dizendo que eu vou ter de pular? — Tally engoliu em seco. Ela sentiu um aperto no estômago enquanto o elevador parava. Peris não deu importância.

— Faça isso o tempo todo, Vesguinha — disse, dando uma piscada. — Você vai adorar.

Com aquela expressão, seu rosto perfeito reluzia ainda mais. Tally deu um passo à frente e o abraçou. A sensação era a mesma — talvez parecesse um pouco mais alto e mais magro. Mas ainda era quente e de carne e osso. Ainda era Peris.

— Tally!

Ela quase caiu para trás quando as portas se abriram. Tinha enchido o colete de Peris de terra.

— Ai, não! Desculpa...

— Vai logo!

O nervosismo de Peris só aumentava a vontade de abraçá-lo novamente. Tally queria ficar e limpá-lo, deixá-lo impecável para a festa. Ela esticou o braço.

— Eu...

— Vai!

— Mas somos os melhores amigos, certo?

Ele suspirou e limpou uma mancha marrom.



— Claro. Para sempre. Em três meses.

Tally se virou e saiu correndo. As portas se fechando atrás dela.

No início, ninguém percebeu sua presença no terraço. Estavam todos olhando para baixo. Somente o brilho de um ou outro sinalizador de emergência perturbava a escuridão.

Tally encontrou a prateleira de jaquetas e puxou uma. Estava presa. Correu os dedos nervosamente atrás de uma presilha. Desejou ter o anel de interface para pedir instruções.

Acabou achando um botão: APERTE EM CASO DE INCÊNDIO.

— Que merda.

Sua sombra deu um pulo e se agitou. Dois perfeitos iam na sua direção com sinalizadores nas mãos.

— Quem está ali? Que roupa é aquela?

— Ei, você aí! A festa pede traje de gala!

— Olha a cara dela...

— Ah, merda — repetiu Tally, antes de apertar o botão.

Uma sirene ensurdecidora se espalhou pelo ar, enquanto a jaqueta parecia pular da prateleira para sua mão. Ela vestiu o equipamento e se virou para os dois perfeitos. Eles deram um salto para trás, como se estivessem diante de um lobisomem. Um sinalizador caiu da mão de um deles e se apagou imediatamente.

— Treinamento de incêndio — disse Tally, correndo para a beirada do terraço.

Assim que ajeitou a jaqueta nos ombros, as tiras e fechos pareceram se enrolar em torno de seu corpo como cobras, até que o plástico estivesse justo em sua cintura e coxas. Uma luz verde piscou na gola, bem no seu campo de visão.



— Muito bem, jaqueta.

Aparentemente, o equipamento só não sabia responder.

Os perfeitos que se divertiam no terraço haviam se calado e agora perambulavam pela área, tentando descobrir se realmente havia um incêndio. Logo apontaram para Tally. Ela leu a palavra “feia” nos lábios de cada um deles.

O que seria considerado pior em Nova Perfeição? Sua mansão pegar fogo ou um feio entrar de penetra na sua festa?

Tally chegou na beirada, subiu no parapeito e balançou por um instante. Lá embaixo, perfeitos começavam a deixar a Mansão Garbo, invadindo os gramados e descendo o morro. Olhavam para trás em busca de fumaça ou fogo. A única coisa que viam era ela.

Era uma altura de respeito, e o estômago de Tally parecia já estar em queda. Porém, ela também estava excitada. A sirene berrando, as pessoas olhando para ela, as luzes de Nova Perfeição espalhadas ao redor como milhões de velas.

Ela respirou fundo e dobrou os joelhos, preparando-se para pular.

Por um milissegundo, perguntou-se se a jaqueta funcionaria, já que não estava usando um anel de interface. Aquilo seguraria uma ninguém? Ou ela simplesmente se espatifaria no chão?

Mas Tally tinha prometido a Peris que não seria pega. E a jaqueta era justamente para emergências. E *havia* uma luz verde...

— Lá vamos nós! — gritou.

E pulou.